

O Indiano acerca de Deus

Vagueei pela beira da água, sob as árvores húmidas,
O meu espírito embalado pelo crepúsculo, os juncos envolvendo-me
os joelhos,
O meu espírito embalado por suspiros e pelo sono; e vi as galinhas
Numa encosta verdejante, escorrendo água, vi-as deixar de se perseguirem
Em círculos e escutei a mais velha que dizia:
*Quem tem o mundo preso no Seu bico e nos fez fortes ou fracas
É galinha imortal que vive para além do céu.
As chuvas caem das Suas asas gotejantes, os raios de luar dos Seus olhos.*
Avancei um pouco mais e escutei a flor de lótus que dizia:
*Quem fez o mundo e o governa pende de um caule,
Pois eu sou feita à Sua imagem, e todo este murmurar de água
É uma gota de chuva que desliza por entre as Suas pétalas.*
Mais além, rodeado de trevas, um cabrito-montês ergueu os olhos
Repletos da luz das estrelas e disse: *o Desenhador dos Céus
É um dócil cabrito-montês; pois, pergunto-me, como podia Ele
Conceber um ser tão triste e débil, um ser tão dócil como eu?*
Avancei um pouco mais e escutei um pavão que dizia:
*Quem fez a erva e os vermes e as minhas penas garridas
É um enorme pavão, e sobre nós Ele acena toda a noite
A Sua lânguida cauda, iluminada por miríades de pontos luminosos.*

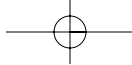
O Indiano à Sua Amada

A ilha sonha sob a aurora
E grandes ramos espalham tranquilidade;
As pavoas dançam numa clareira verde,
Um papagaio balança-se numa árvore
Enfurecido com sua própria imagem no mar esmaltado.

Ancoraremos aqui o nosso barco solitário
Vaguearemos sempre de mãos dadas
Murmurando baixinho, lábio a lábio,
Por entre a erva, ao longo das areias,
Como estão longe as inquietas terras;

Como estamos longe dos mortais,
Escondidos sob silenciosos ramos
Enquanto do nosso amor nasce uma estrela indiana
Um meteoro do coração ardente,
Aquele que cintila com as águas, as asas que cintilam e dardejam,

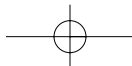
Os pesados ramos, a pomba luminosa
Que se lamenta e suspira cem dias:
Como hão-de vaguear as nossas sombras ao morrermos,
Quando o anoitecer silenciar os caminhos emplumados
Com delicados pés junto da sonolenta chama da água.



O Cair das Folhas

O Outono cobre as longas folhas que nos amam
E os ratos escondidos nos feixes de cevada,
As húmidas e amarelas folhas do morangueiro silvestre
E, sobre nós, as folhas amarelas da sorveira.

Envolveu-nos a hora do declínio do amor,
E agora as nossas almas estão cansadas, exaustas;
Separemo-nos, antes que nos esqueça o tempo da paixão,
Com um beijo e uma lágrima sobre a tua frente inclinada.



Efêmero

“Os teus olhos, outrora nunca cansados dos meus,
Ocultam-se tristes sob pálpebras cerradas
Porque o nosso amor declina.”

E ela disse:

“Embora o nosso amor esteja em declínio, fiquemos
Mais uma vez junto à solitária margem do lago
Unidos nessa hora de tranquilidade
Quando a cansada e infeliz criança, a Paixão, adormece.
Como parecem distantes as estrelas, e distante
O nosso primeiro beijo e tão velho o meu coração!”
Pensativos caminharam por entre as folhas murchas
Enquanto ele, tomando-lhe a mão, lentamente respondeu:
“A paixão muitas vezes cansou os nossos corações inconstantes.”

Os bosques cercavam-nos e as folhas amarelas
Caíam como débeis meteoros na escuridão e um coelho
Velho e aleijado passou de repente a coxear pela vereda;
O Outono tombava sobre ele. E agora eles ali estavam
Uma vez mais na solitária margem do lago:
Voltando-se, viu que ela lançara folhas mortas,
Colhidas em silêncio e orvalhadas como os seus olhos,
Sobre o seio e os cabelos.

“Oh, não lamentos”, disse ele,

“O nosso cansaço; outros amores nos aguardam;
Odeia e ama ao longo das serenas horas.
Aguarda-nos a eternidade; as nossas almas
São amor e um contínuo adeus.”

A Rosa do Mundo

Quem sonhou que a beleza passa como um sonho?
Por estes lábios vermelhos, desolados no seu orgulho,
Desolados, sem esperança de novos prodígios,
Tróia desapareceu nas fúnebres e altas chamas
E os filhos de Usna morreram.

Nós e o mundo palpitante vamos passando
Por entre almas de homens que vacilam e cedem
Como pálidas águas na sua corrida de Inverno,
Sob estrelas que passam, espuma do céu,
Vidas neste rosto solitário.

Inclinai-vos, arcanjos, na vossa morada sombria:
Antes de existirdes ou que um coração batesse,
Fatigado e afável, alguém se deteve junto ao seu trono;
Por ela fez Ele do mundo uma estrada verde
Para os seus pés errantes.